

Africa

Malange teve de ser tomada de surpresa. A forçada desistência da ida à Diamang, permitiu-nos antecipar 24 horas a chegada. Aliás, a carta em que preveníamos da nossa visita não encontrara o destinatário, o Senhor Bispo, ocupado pelas visitas pastorais. Tivemos muita pena de o não conhecer. Os nossos pioneiros em Luanda, tinham-nos contado de como o então Cónego Nunes Gabriel os ajudara, quando, mal chegados com suas famílias, se viram em apuros pela falta da habitação prometida pelo contratante. Aflitos, foram ao Paço lançar o S. O. S.. Senhor Cónego Gabriel soube de onde eram. Certo, havia um casarão desocupado. Não estive com meias medidas... Uma adaptação de emergência, realizada por cortinas — e ei-lo à disposição dos nossos rapazes até que o seu problema se resolvesse.

Eu ia, pois, cheio do grato interesse de conhecer o Senhor Bispo de Malange. E assim fiquei e estou.

Quando descemos do avião, olhámos em volta na doce esperança de que alguém desse por nós. Ninguém. Tivemos de pedir boleia para a cidade, um bocadinho hesitantes sobre o rumo a tomar.

Júlio esmoreceu um pouco. Eu, que ainda não perdi de todo certo gosto de aventura, reagi mais depressa. Expliquei-me e expliquei-lhe aquele vazio em nossa volta pela antecipação da chegada. De resto, assim, sem qualquer preparação, ficávamos mais nas mãos de Deus e teríamos ocasião de tirar prova se sim ou não Ele ia conosco naquela missão.

Fomos dar ao Paço. Por um pouco apanhámos Padre Horácio, secretário do Prelado, o qual, cheio de caridade, deixou a sua viagem para se pôr à nossa disposição. Júlio começou a reconhecer a resposta do Céu. Padre Horácio levou-nos ao Senhor Padre Guimarães, Superior da Missão e Pároco da cidade. Num ápice se combinou o programa para aquela tarde e noite, todo o tempo que demoraríamos em Malange. Um salto à Rádio local levou por ares e ventos a notícia da nossa visita e do encontro que seria à noite na Associação Comercial.

À tarde ocupámo-nos com algumas visitas, portadoras do recado número um que nos levou a África: empregos, empregos para os nossos rapazes de ontem, de hoje e de amanhã. À noite a nossa palestra. Não muita gente, como era de esperar em sessão anunciada tão à pressa, mas boa e reactiva, graças a Deus.

O belo Seminário diocesano hospedou-nos aquela noite. Manhã seguinte, às 8,30, estávamos de abalada, rodeados por Amigos.

DOCTRINA

Aquela noite, depois da nossa palestra, Padre Guimarães quis mostrar-nos em filme colorido: «As belezas de Malange».

Já que o tempo nos não permitia vê-las ao natural, desde as celebradas Quedas do Duque de Bragança até às curiosas Pedras Negras — uns escassos minutos chegaram para nos deixar cientes dos encantos e das possibilidades turísticas daquela região.

Uma riqueza potencial, mas não a única! Malange está situada a média altitude e o clima é regular. O distrito tem zonas de subsolo rico, em grande progresso de exploração. A linha férrea que liga a Luanda estava sofrendo grandes benefícios, inclusive muitas porções de traçado novo, justamente pela necessidade de escoar a crescente produção de minério.

Mas ainda não só. O solo é também fértil e atravessado por numerosos rios e linhas de água, alguns, mesmo, a provocarem o seu aproveitamento energético.

Temos, portanto, clima razoável, subsolo, solo, água, energia... Que falta, então? Falta gente que trabalhe e aproveite o que a natureza nos oferece.

Que população terá o distrito de Malange? Não sei. A própria cidade é muito simpática e moderna, mas pequenina ainda.

Em um Museu na Associação Comercial vi fósseis encontrados em grandes planuras de terras baixas que há milénios terão sido leito de mar. Terras propícias, terras imensas e vir-

gens, apenas cobertas de capim. De uma dessas extensas pene-planícies me disseram ter a dimensão de Portugal europeu!

A gente entope de pasmo!

E este pasmo transforma-se em indignação quando lemos notícias como esta, que um nosso diário, tido como de feição cristã, estampava em tipo negro, vinda de Cardiff: «Ou a ciência inventa a maneira de produ-

Fundador: PADRE AMÉRICO

26 DE NOVEMBRO DE 1960



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção e Administração
Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Propriedade da Obra da Rua

Director e Editor
PADRE CARLOS

Composto e Impresso
Nas Escolas Gráficas
CASA DO GAIATO



SETUBAL

Não é a primeira vez que falo do Zé Maria Não é, mas nunca lhe revelei o nome pois contava as suas partidas!

O Zé Maria regressou da venda muito contente. É um vendedor afamado. Vende mais que os outros todos e tem feito grandes conquistas entre os seus fregueses. Traze-me sempre os seus recados, contame as conversas que os senhores lhe fazem, informa-me o que lhe referem do jornal e dos colegas e confidencia-me o almoço e a merenda que come no «Clube Naval».

Já um rol de vezes que me advertite: — «Ainda não escreve nada dos senhores da Cuf do Barreiro. Olhe que eles estão sempre a dizer-me e nós vamos lá vender há tanto tempo e eles tratam-nos tão bem!... São todos nossos amigos!»

É verdade. Os senhores da Cuf têm razão. Eu ainda não disse nada nem é preciso que escreva. Eles proferem-no aos quatro ventos: — São todos nossos amigos!...

O Zé Maria vinha contente. Eu já o tinha observado, lá em baixo, nas ruas de Setúbal, estranhara o seu ar que não era de animado, nem de importante, mas uma fusão de dois sentimentos. «Sabe? Uma senhora deu-me esta camisa e vestiu-me logo para ver como me ficava.» É possível. Quem os ama faz-lhes assim. É natural. A camisa aos quadradinhos brancos e verdes ficava-lhe a matar, mas o facto da senhora lhe ter vestido foi para ele muito mais importante. «Vestiu-me logo para ver como me ficava.» Bem haja a minha senhora. Como

saboreio o doce deste mimo aos meus! É uma doçura estranha que só os pais podem avaliar. Tem requintes de beleza e de ternura, tem amor maternal e caridade cristã. Por isso o rapaz irradiava constantemente em todas as direcções.

Zé Maria tem sido difícil e agradável. Agradável por ser difícil e difícil por ser agradável. Eu explico o trocadilho. — Pois as preciosidades não são tanto mais belas quanto mais difíceis de conquistar? Ele é um rapaz profundamente deformado e que a pouco e pouco tem reformado a sua deformação e conquistado mais equilíbrio. Tem sido uma conquista dura! Várias recaídas! Mas que alegria nas vitórias!...

É difícil por ser agradável. É, à primeira vista, uma serpente encantadora e, se a gente não o conhece, ou não está de pé atrás, Zé Maria leva-nos aonde quer. É dedicado como poucos! Tem sido a dedicação que mais bem lhe tem feito. O medo de me desgostar tem-no feito reagir e reformar-se. Quem lava melhor os nossos pequeninos? Quem os veste e penteia? Quem é mais jeitoso para lhes dar de comer e lhes sabe fazer meiguices? — o Zé Maria.

Quando, de manhã, encontro o Nautílio com os seus belos caracóis desfeitos e o risquinho alinhado vou logo perguntar-lhe só pelo gosto de o ouvir: — Quem te

penteou? — «Foi o Jé Maria».

É chefe dos refeiteiros. Se os senhores querem ser servidos rapidamente e com todos os requintes de delicadeza e atenção, venham almoçar à Casa do Gaiato em dias que não sejam de venda! Com o seu avental branco, Zé Maria bate os serventes do Ritz.

Quando, à noite, o cansaço é maior e tenho o breviário atrasado gosto tanto que eles me venham lavar os pés enquanto rezo. Parece que a oração custa menos e é mais suave. Sinto Deus mais perto de mim. Os rapazes lavam-me os pés e ajudam-me a elevar a alma para Deus.

Pois de todos o que melhor esfrega já o adivinhas. Outro dia apareceu com uma esponja. Eu nunca usei tal coisa. Era sempre um farrapo. Estranhei e indaguei: — Fui roubá-la às senhoras.

— Oh homem!... isso não se faz... Vai já levar-lha.

— Elas já têm outra e o senhor não tinha nenhuma.

Eles precisam de me fazer estes mimos e eu de os receber. Há uma permuta de dar e receber. Eles tornam-se mais meus amigos e eu mais deles. E quando chegamos as horas da provação estamos mais preparados. Eles para me compreenderem e eu para os amar. Com Zé Maria tem sido assim, mas por ele ser mais agradável tem sido mais difícil.

Padre Acílio



VARANDA de Beure

Eles eram e vieram da rua. Tiveram por mestre a rua. Como cartilha as pedras da rua. Não admira, pois, que registemos instantâneos como estes:

O dia está de chuva fria. E, porque domingo, as horas são todas livres, após as obrigações imprescindíveis. Em consequência, os rapazes andam mais à vontade do que nunca. Três deles, Lélé Alexandre e Russito, sonham e realizam projectos. Vão direitinhos à pilha de madeira que se ergue ao lado da carpintaria, sacam tábuas e com perícia obtêm pequena barraca onde se aninham a espreitar a chuva. Um deles veio das barracas de Lisboa, dois das de Setúbal. Conhecem muito bem aquelas vivendas porque dentro delas nasceram. E, de tal viver, mantêm saudades constantes. É desolador este regresso à toca onde se

nasceu. É prova de como importa libertar o homem logo no começo da vida de ambientes impróprios de seres humanos. Doutra sorte, fica-lhes a nostalgia e tentam na primeira oportunidade regressar. É quase inútil querer arrancar este apego inato a quem tardiamente foi libertado da miséria. Tenho-me convencido de que é a afeição à vida sem regra e sem normas, à liberdade sem freio, quem força e chama os que pensamos libertos.

Andava no segundo ano liceal. Era inteligente para prosseguir sem dificuldades. Demais, era esta a vontade de quem o recebera na Casa do Gaiato. Certo dia, toma o caminho da rua e parte à aventura. Sonhei com curso superior para este jovem. Tudo desfeito, porém, com

Continua na página DOIS

Continua na página DOIS



Eu não sei nada dos princípios históricos da Maçonaria. Tenciono pedir a m/irmão um livro precioso que ele tem sobre isso. O fim, em teoria, não parece mal; socorrer os irmãos. Com justiça? Por interesse? Haverá de tudo. Mas eu cuido que ela tem ainda em vista outro fim; reinar no espírito da humanidade. E os meios que emprega para esse fim, serão justos? Eu cuido que não. Procurar impedir no espírito dos homens, fomentando discórdias entre eles, não são processos humanos nem inteligentes; tem que convir nisto. Dentro do cristianismo há sempre lugar e são sempre bemvindas Instituições de Caridade ou altruísmo, se

quiser. As grandes ordens religiosas não são outra coisa. Também elas procuram reinar; procuram o predomínio moral das massas populares, mas usando diferentes processos e por isso é que todas do mesmo Ideal. Dizem que o actual conflito no México é obra da Maçonaria; que já a Revolução Francesa o fôra e que muitos crimes actuais, políticos e sociais, são cobertos por as suas bandeiras. Não sei se nisto há verdade mas note: assisti no Chinde ao caso A. e P.. Já morreram os dois por isso devo evitar comentários. Mas o que não morre em mim é a impressão e o juízo que fiz e faço daquela tragédia. Eles eram maçons. Sei ainda de mais um caso individual com ingleses, que no meu entender depõe muito tristemente acerca da Instituição. Combate então a Maçonaria, ao que parece, o catolicismo, não com o fim de fazer melhor obra do que os católicos, mas simplesmente para lhes usurpar o predomínio moral sobre os homens. É assim? Seja como for, eu confesso que não entendo a sua obstinação em aceitar as minhas ideias de católico, visto como esta foi a religião do seu berço e as coisas da infância têm ordinariamente grande predomínio pela nossa vida fora, por consequência v/ não devia mostrar a relutância que mostra.

Note, S.; os católicos são cristãos. A nossa regra de vida é o Evangelho e o modelo é Jesus Cristo. Todas as confissões cristãs que existem fora da nossa, são meras ramificações desviadas indevidamente do tronco original. Logo na aurora do cristianismo houve homens, a que hoje chamaríamos racionalistas, que tentaram ler a s/ talante as letras dos Evangelhos e criaram inúmeros sequazes, dos quais a Igreja teve de se defender para conservar a integridade da sua doutrina. Lutero foi talvez o pior, mas não o único nem o primeiro inimigo das tradições da Igreja. Mas, afinal, que fez Lutero para que a sua obra haja sido coroada de tão feliz êxito, segundo ele e eles? Simplesmente isto: falicitou o cumprimento dos preceitos evangélicos; concedeu a liberdade individual de interpretação dos textos bíblicos e em assunto tão delicado e subtil como é a recta hermenêutica das Escrituras, não podia deixar de dar-se o que de facto se deu: cada cabeça cada sentença. Eis tudo. V. quer saber como o Protestantismo entrou na Inglaterra? O facto histórico prova justamente o que digo. Henrico VIII, afi volta de 1560, pretendeu desquitarse da sua mulher, Catarina de Aragão, para se casar com Ana Bolena, com quem tinha já relações ilícitas. Pede licença a Roma para que corra o processo de divórcio.

ção; auxílio aos países sub-desenvolvidos».

Mas não é isso que os nossos tempos nos estão mostrando! É universal a tendência para a fuga das terras. É universal o egoísmo cego que leva a raspar os valores da razão, económicos e financeiros e políticos à valorização real, estabelecida por Deus: O homem é o centro e cabeça da Criação; todos o valores criados são para servir o homem. Não noticiam os mesmos jornais, às vezes, a destruição propositada de gêneros, para manter preços, ou por outras conveniências particulares?!

E que dizer do próprio descontrolo da emigração? Excessos de população nos meios urbanos, de vida mais fácil; ninguém dela nos meios onde há tudo a fazer e tanto para se nos dar!

E o auxílio aos países subdesenvolvidos? Mostra-nos a história que tem sido por amor deles, ou pelo interesse de uma dominação que se afigura fácil desse modo?!

É o amor de irmãos — o que falta entre os homens. Fala-se de *Família Humana*... Mas onde a Família, normalmente constituída, em que não repugne a convivência, lado a lado, da abastança de uns e da miséria de outros?!

Ora meia Humanidade (para usar a estatística daqueles senhores cientistas) está sub-alimentada... porque na outra metade

Mas ele havia sido casado segundo as leis da Igreja Católica e o casamento segundo nós, como sabe, é um sacramento de instituição divina (O matrimónio) indissolúvel. O Papa não tinha poderes, nem tem, para revogar leis divinas e não concedeu licença para correr o processo. Que fez o rei? Já sabia ao tempo das doutrinas de Lutero. O matrimónio, como vem no Evangelho, não é para ser tomado à letra; é para ser interpretado como melhor nos convier (segundo ele) e assim entrou na Ilha a doutrina de Lutero e com ela o casamento de Ana Bolena, já realizado nos termos das suas leis.

O segredo da ordem e união dos católicos através de tantos séculos e vicissitudes, é a obediência a uma autoridade. Veja bem; até na vida de todos os dias, que mérito não tem a obediência. Como v/ estima o empregado que lhe obedece, pondo mesmo de parte as suas opiniões. E como amará o A., se este lhe fôr obediente. Note: há muitas vezes um tal ou qual sacrifício em obedecer, mas cá estamos nós no princípio da vida superior: quanto maior for o sacrifício tanto mais merecemos.

continua

Américo

há minorias super-providas.

Quando o Amor realizar a comunicação dos vasos — até hoje estanques — estabelecer-se-á o equilíbrio que é a Justiça. Só na Justiça, e por Ela, os homens se sentirão irmãos uns dos outros e poderão reconhecer o fundamento autêntico e único da fraternidade, naquele Pai Comum que alimenta as avezinhas do Céu e veste os lírios do campo e não deixa que caia um só cabelo da nossa cabeça sem Sua permissão.

Quando assim fôr... estudem os cientistas, sim, novos alimentos, aproveitando a pleno rendimento a inteligência que Deus lhes deu para descobrirem na natureza criada recursos ainda desconhecidos; estudem tranquilamente — que «o vertiginoso aumento da população» não terminará na fome, nem a Humanidade se devorará no fim do século; antes suspenderá essa voragem que, por nosso mal, já se vem fazendo há muitos séculos, mesmo sem «o vertiginoso aumento da população».

Varanda de Beire

Vem da página UM

a inesperada saída para o incerto. Que se passou no íntimo deste rapaz? Não sei. Sei apenas que voltou à rua...

Repetição frequente, porque é extremamente difícil lidar com o homem da barraca. Ele não quer ser ajudado. Prefere o lixo, a vida insalubre da cortelha aos conselhos que advêm de quem se abeira ainda que por bem. Vive até mais feliz naquelas paragens e com aquele modo de vida do que em lugares ou situações onde se sente apearado. É para ele tormento tudo quanto seja convenção social. Ora, talvez tenha razão. Nós vamos demasiado tarde ao seu encontro.

Os nossos rapazes eram e vieram da rua. Tiveram por mestre a mesma rua. E se nem sempre voltam às pedras da dita, é frequente revelarem bem vindos os traços que a rua lhes marcou. Há tempo, o Júlio mais o Virgílio foram às cerejas. E cereja puxa delas, fartaram-se de cerejas. Ora, quem lhes revelou que aquele fruto era doce? A rua. Quem lhes deu o impulso para treparem à árvore? Ainda foi a rua.

Os nossos rapazes andam normalmente descalços. Preferem correr e saltar assim. Coagidos a calçarem-se logo damos com eles descalços. Ora, quem lhes deu o gosto pelo pé descalço? A rua. E é sempre a rua o mestre mais poderoso. É um remar esgotante a tarefa de furtar o homem à influência nefasta da rua, com todas as suas consequências. É que vamos tarde. Já o deixámos nascer na rua.

PADRE BAPTISTA



CHALES DE ORDINS

Graças a Deus munificentíssimo, de quem procede todo o bem, por todos os benefícios derramados sobre Ordins. Quantas vezes subi a escada da que, um dia, havia de ser chamada Casa de Jesus Misericordioso, perguntando a mim mesmo se não teria enlouquecido! Felizmente, não — graças a Deus! — e a Casa fez-se e já foi inaugurada. As dificuldades vencidas não vale a pena revivê-las, por vencidas. Devo, apenas, notar que nesta terra pobre valorizou-se tudo o que se podia. E, assim, não se desperdiçou, até mesmo o trabalho das crianças, algumas bem pequenas. Por outro lado, a inauguração mostrou a harmonia que entre nós reinava, à espera deste dia, não se poupando o povo a trabalho e despesas. Foi também a hora dos arrependidos, daqueles que nunca vieram ajudar — até, para alguns dos nossos, como é costume por toda a parte, foi motivo de censura e desunião a construção da Casa mas, agora, no final, mostraram bom senso, não se poupando a nada, para que o dia fosse de glória para Ordins. A união de todos foi para mim de maior alegria que a inauguração da Casa de Jesus Misericordioso. Graças a Deus!

O meu reconhecimento a tantos que se feriram nos «chales» e deram a bolsa e o coração. Sem o concurso dos benfeitores, o assentar da primeira pedra seria o enterro desta obra. Entre eles, conto a Obra da Rua, de quem Ordins tanto recebeu na construção do seu Centro de Assistência e no repartir do pão por tantos necessitados. Se o portão da Casa do Gaiato de Paço e Sousa não estivera sempre aberto e se fôra preciso papel selado, para advogar a causa dos Pobres, não teria nunca o dia 1 de Novembro sido o que foi em Ordins.

Bem haja a todos, meus Amigos!

Os chales estão na ordem do dia. Ou agora, ou nunca. É bom não haver demoras, senão ainda poderemos ver os assinantes do Famoso em bicha, à espera dos chales. É mais lindo vermos procissões que bichas... Caldas da Rainha já não é a primeira vez que aqui desfila. Desta feita, foram dois.

O Funchal vem todos os anos. Em vez de 1.000\$00 veio o dobro, para chales, écharpes e camisolas, não esquecendo 100\$00 para a Pobre mais necessitada da Conferência.

Um vicentino de Freamunde veio por dois. Outros tantos para os Gaiatos vicentinos de Paço de Sousa. Daniel veio por um para o seu afillhado, o Carlos Daniel. A senhora do chale mensal marca presença.

Rio Maior engrossa a torrente de pedidos de chales. O Porto, 150 para um dos grandes. Abrantes não conheço. Encomenda, gostou e tornou. «Estou de posse do chale pedido que, na verdade, é muito superior ao que imaginava: bonito, perfeito e confortável».

Galizes veio às écharpes. E o Porto tornou aos chales. Carregal-do-Sal pela 2.ª vez. Aveiro agasalha uma Pobre. Godim veio aos chales e écharpes.

Setúbal traz uma sugestão que muita pena tenho não seja posta em prática por todos os colégios femininos: «sugerir às minhas colegas encarregadas da comissão para o berço que o colégio oferece todos os anos, a que este ano, se mandasse buscar um chale a Ordins, porque era fazer bem a duas pessoas ao mesmo tempo: à tecedeira e ac Bébé».

Nazaré e seu Hospital vão com três. Há que tempos uma Religiosa de lá trabalha por Ordins. Reze também por nós. Para a Covilhã foram dois.

Ainda a nossa máquina. A esperança dela tem causado entusiasmo nos nossos rapazes. A começar por mim próprio. A decisão tomada no último encontro dos Padres da Rua de a comprarmos mesmo sem termos dinheiro, veio trazer-lhes muita alegria. Eles têm sede de saber e conhecer. Querem sempre e em tudo mais e melhor. Ora precisamente esta máquina aumentando o rendimento e a qualidade da oficina, é mais e melhor para eles. Não há nada tão saboroso como poder dizer e sentir que com o seu trabalho estão ajudando a Casa. Até aqui têm sentido bem esta necessidade, porque as máquinas que temos nada prestam e pouco fazem.

Pois bem. Nós tivemos de desistir da máquina que pensávamos. Muito dinheiro, outros encargos inerentes deixavam-nos a sangrar durante alguns anos. De modo que resolvemos uma compra mais modesta. Todavia passa dos cem contos. E até hoje este apelo apenas encontrou eco em duas leitoras. Uma aqui de pertinho, da Parede e outra de Sá da Bandeira. Lisboa ainda não falou. O Pai Américo escreveu um dia, respondendo a uma queixa semelhante, que Lisboa se levantava mais tarde que o Porto. Pois é, mas nem do Porto apareceu ninguém.

O remédio é esperar. De modo nenhum, porém, de mãos caídas. O Senhor Padre Carlos falou na possibilidade de vendermos alguns mimos da nossa quinta. Esperamos por comprador para as laranjas, que este ano graças a Deus são muitas e boas. Temos ainda três automóveis, que alguns amigos pensaram oferecer-nos, livrando-se deles como impecilhos. Para nós, ótima coisa! E temos a Providência. No final de contas não espero em mais ninguém. Se Deus não ajuda, a quem hei-de pedir? Que importa que outros me não oiçam? Que me importa que ninguém dê? Ouve Deus e quando Ele quer até da boca dos peixes, sai dinheiro. Ou não é Ele o mesmo que disse: «Tudo o que pedirdes ao Pai em Meu nome vos será dado»? Ora, não pedindo eu tão pouco para mim, com maior razão serei atendido. Eu não quero saber como nem

quando, mas tenho a certeza que ele há-de vir.

Um exemplo. Tivemos aqui ontem os vicentinos e vicentinas da linha de Cascais. Como todos irradiavam o calor do amor a Deus! Como eles se encheram aqui em comunhão com estes pequeninos! Todos comeram do nosso caldo. Alguns no mesmo prato e na mesma mesa, que eles. Todos tão felizes, daquela felicidade que o mundo não pode dar, porque só brota do nosso íntimo na medida em que o despojamos de todos os apegos do mundo. Se todos os nossos leitores e visitantes tivessem a experiência deste calor Vicentino, estava o nosso problema em vias de solução. Além de muito carinho, alegria e amizade, deixaram dinheiro para os nossos Pobres, pão em abundância para os rapazes, colchas para uma camarata inteira e mais mil duzentos e quarenta escudos. São prá máquina! Quem havia de esperar tanto? Cada um deles vive a angústia do seu Pobre. Cada um deles o tem ajudado religiosamente, tirando o mais que podem do que é seu para ajudar. Não era de esperar. O dinheiro há-de vir donde não se espera.

Padre José Maria

Gente amiga da Murtosa com 200\$00 quer um, prometendo no verão visitar Ordins. Com 120 na mão, Tomar vem por um dos médios. E com mais 30, Lisboa pretende um grande. É da Praça de Damão, para onde foram os nossos dois primeiros cobertores. Para o Porto foi um. E eu fiquei com dois, que já estava a ter frio.

Lisboa, desde há muito, é a a terra que mais nos procura. Para a R. de Alexandre Herculano foram quatro, com 500\$ na mão. A Avenida de João XXI também nos conhece. A R. do Salitre e a dos Navegantes, a R. de Miguel Lúpi e a Avenida de Roma vão aqui juntinhas. E também é da capital a senhora das camisolas, que faz encomendas sobre encomendas, dando que fazer às nossas pequenitas.

Selos e romanos andam, por vezes, juntos. Assim, de alguns, «10 selos para romanos». Mais 10 + 10. Não sei donde, uma valente caixa com romanos de «carne e osso». Creio que do Porto, 20 para amortizar dívidas, «contraídas por amor dos Pobres. Espero que me perdoe o atraso, prometendo para o futuro ser mais

cuidadosa». Pois, então, cá a espero. De uma Armanda 2 romanos (20\$) e 10 selos «para a causa de Ordins». Mais romanos — 10\$. «Caridade interessada» trouxe 50\$ e Castelo Branco dez vezes mais.

Uma esmorizense acorre ao nosso apelo para os dois leitores para esta Casa e vem com cem escudos, prometendo mais 200\$00 até ao Natal. Ora as camas não vieram ainda, pois não sei donde. Se de Esmoriz, minha terra natal alguém quisesse custear outra cama, teríamos o assunto resolvido, tanto mais que as que temos são emprestadas e já no-las pediram.

Do Porto, objectos para o consultório. Da Longra uma mesa de pensos, um balde dos ditos, um armário de parede e cadeira para tratamento aos dentes. Faltam ainda os ferros. De Avanca um bengaleiro. De Gaia um par de sapatos de senhora.

No dia da inauguração um Padre Amigo meteu-me na mão, no escuro da noite, um papel. Era um cheque de 1.500\$. A caixa das esmolas deu, ao abrir, 317\$90. Graças a Deus!

Padre Aires

A noite descia até nós lentamente. Já as estrelas brilhavam. A lua ia-se descobrindo. Era um desses lindos dias de Outubro. As escolas, casa mãe, capela, cruzeiro, nós todos a rezar o terço nas escadas, virados uns para os outros. O Marão, o Dado, o gato do Alfredo fazendo travessuras, a Família completa.

Apenas se notavam as vozes das Avé-Marias, por entre o conjunto das lindas construções e avenidas que descrevem graciosas curvas, circundadas de arvoredo. Tudo era silêncio, sob a refulgente luz que emanava da abóbada celeste!

A familiaridade. A efusividade e multicolor alegria que resplandece através dos corações juvenis. O pitoresco de cada recanto desta Casa do Gaiato. A calça abaixo e acima. As fraldas de fora. Os sapatos e as meias nas mãos. Os arcos, as motos, o bate-fica, o eixo, a algazarra dos arcos, as guerras do futebol e do oquei. O avontade, a descontractação dos enxotados de antes. Os pequenos nada que encham de espanto o mundo de hoje, que abre a boca perante as maravilhas operadas nos farpões de ontem!

«O Gaiato» que sai cheio de espontaneidade do coração de quem redige! Falando do jornal, falo de todos, da grande Família que se estende às sete partidas. Uma coisa não podia existir sem a outra. Este pequeno desordeiro que alguns olham receosos, é tribuna de

meditação para tantos, pois é escrito como quem reza. O que é senão rezar toda esta vida?

«A brincar se fazem grandes coisas!». Como quem brinca se dá vida ao monótono; se constroem lindas habitações onde eram tantos sepulcros vazios. «O Gaiato» é o porta-voz, a bandeira dos feridos à beira do caminho.

Ele a maior Obra, porque flor do coração de Pai Américo. Um clarão que deu à vida novas vidas! Nunca ninguém bradou tão alto. Nunca outra voz soou tão bem aos ouvidos como esta Palavra Nova, que empolga, arrebatava...

A mentira é sempre mentira, mesmo que às vezes se doire! Tanto mais pernicioso, quanto mais enganadora! Que grande responsabilidade a do «Gaiato», perante tamanho auditório, que não se importa das palavras amargas porque sabe que elas curam feridas — feridas de carência e feridas de excesso!

A Obra que o Famoso tem vindo a realizar é um valor nacional. Um pendão desfraldado aos ventos para a todos paternalmente abraçar: Pobres, ricos, coxos, cegos, leprosos, pequenos, grandes!...

«O Gaiato» é português e tem morada nos corações de Portugal. Uma voz que é a Verdade! Ele faz falta.

Daniel

Campanha de Assinaturas

N

A hora em que escrevo estas linhas anda a girar o Famoso que leva no ângulo a circular da Campanha de Assinaturas. Por isso, só na próxima quinzena daremos conta da revolução produzida na alma dos leitores que, em circunstâncias idênticas, se lançam ao largo, sem medo da tempestade, imbuidos da mística que «O Gaiato» insufla no coração dos seus apaixonados.

É agora a vez, sobretudo, do Portugal metropolitano. Que as nossas províncias africanas têm caminhado de mãos cheias. Mil e tal novos assinantes já de lá vieram! E quantos não há-de vir, ainda?! E porquê? Diz Pai Américo: «Quem conhecer as potências da alma não estranha que «O Gaiato» seja alimento saboreado. O homem é um ser interior. É dentro de si que ele resolve os seus grandes problemas. É dentro de si que ele chama por quem o possa ajudar. Ora o jornal ajuda. Sei que ajuda, por isso tão procurado. O jornal defende. Ele é cego e surdo para as chamadas coisas grandes e tem na ponta da língua as pequenas. Dá sina! Berra. Defende. Por isso não admira a sua expansão. Não admira que ele faça apaixonados». Eis «O Gaiato». Eis a sua doutrina. Eis a linha de rumo que se mantém inflexível desde sempre.

A propósito, veio-me ter às mãos uma de muitas cartas idênticas que é bem digna de destaque. É uma afirmação do Bem que o Famoso espalha na alma dos seus leitores. Ora oiçam: «Há uns dois ou três meses que o jornal chega cá sempre atrasado. Não é que me faça grande diferença, pois que tanto faz lê-lo três ou quatro dias antes ou três ou quatro dias depois. Ficava bastante triste porque gosto imenso de o ler, por ser o meu livro de meditação. Acho que não há livro melhor para meditar do que o jornal «O Gaiato». Oh carta!

Com testemunhos assim, nós temos fé que neste reatar da Campanha, que envolve todo o mundo português, e que já tem sacudido tantos corações, ninguém fica de braços cruzados. «O Gaiato» precisa de ir a todos os lares e precisa de ser o livro de meditação de todos os portugueses.

Júlio Mendes

Quando tínhamos vinte e oito anos fomos morar para uma casa muito grande e pouco apropriada para a nossa maneira de ser e de viver. Mesmo de frente, uma estrada de muito movimento; porta com porta duas tabernas. O horário nesse tempo era muito largo. Muitas vezes as conversas eram mais que animadas. Com frequência contemplávamos demoradamente a fisionomia de certos jovens mais assíduos àquelas pândegas. Podiam tocar, podiam cantar, podiam dançar, podiam mesmo soltar gargalhadas. A verdade, a dura verdade é que tinham uma fisionomia triste; velhos antes, muito antes do tempo. Certo, o comportamento bom ou mau do homem será sempre um mistério. Bem sabemos que muitos que têm casa rica, mesa posta, quarto privativo, não são melhores que outros nascidos nas barracas. Abrir uma escola e dar pão, nem sempre é fechar uma cadeia. Em educação há o imponderável, o imprevisível, o mistério e, se temos fé, a Graça. Mas daí nunca será permitido partir para a resignação, para o fatalismo, para o deixa correr, pois não se pode endireitar o mundo. Todos sabemos que, em educação, vale incomparavelmente mais a acção que os discursos, as práticas e os conselhos. Doutrinar através da acção, na acção e pela acção.—E se déssemos a estes rapazes, à margem da sua vida profissional, um campo de acção apaixonante? Antigamente faziam-se os serões na aldeia. Não poderíamos organizar serões de trabalho para alguns destes rapazes? Ainda certo, nem todos aproveitarão. Se déssemos a muitos destes jovens a oportunidade de gastarem os tostões que vão ganhando na construção das suas casas em vez de os consumirem em vinho ou mesmo em cerveja? Se eles são assim, não será por ninguém, a sério, lhes dar a mão? Chamá-los de malcriados, dizer que antigamente não era assim, que não andavam por fora de casa depois do escurecer, que antigamente cumprimentavam toda a gente e agora não, que não há respeito por ninguém—é quase perder tempo. Organizar a vida de maneira a oferecer-lhes tarefas nobres, ideias práticas.—Mas eles não aproveitarão.—Ninguém tem o direito de falar assim, enquanto não experimentar a sério. Se passamos a vida atirando pedras, que admira que os caminhos se tornem intransitáveis? Um trabalho inteligente e bem organizado continuará a ser sempre o melhor meio natural de educação. Nos dias, e, sobretudo, nas altas horas da noite em que nessas tabernas rapazes faziam barulho e consumiam estupidamente a sua juventude, perguntávamos a nós mesmos se a Auto-Construção não podia ser para alguns um dos meios de educação.

PADRE FONSECA

BARREDO

Há muito tempo que não passávamos pelo Barredo. A vida interna da nossa Casa é mais que suficiente para nos absorver por completo todo o tempo de que podemos dispôr. Apesar disso, o nosso pensamento de vez em quando voava até àqueles lugares, por onde passámos tantas vezes.

Os Pobres fazem parte da nossa vida. Quanto mais junto deles, mais gosto temos de viver; quanto mais afastados mais vazios nos sentimos. Eles batem-nos à porta amiudadas vezes ao dia; de longe e de perto. Vê-los em sua casa; comungar por momentos um pouquinho da sua vida quotidiana; ver a mãe feliz, rodeada pelo seu rancho, que no meio de todas as dificuldades, consegue ter a sua casa em

ordem, a viúva iel à memória de seu marido; a paralítica que sofre resignada a impossibilidade de se mexer; vê-los assim, em casa, é bem diferente.

*

Estava um dia frio. Tínhamos reservado aquela tarde para o Barredo. Sabíamos, de antemão, o que iríamos encontrar. A nossa ausência tão prolongada, este outono tão rigoroso: chuva e frio agravaram as condições, já de si tão precárias, desta pobre gente. Não há muitos dias, um jornal diário da nossa terra se referia à insegurança daquelas habitações, mostrando, em fotografia, a derrocada de uma delas.

O Pobre, como qualquer

ser humano, põe a base da sua felicidade neste trinómio — Pão, Casa e Amor. Não se me varreu ainda da memória a cena que meus olhos presenciaram, não há muito tempo. Era um homem, minado pela terrível doença do cancro, escoraçado por todos porque incurável e sem ninguém que olhasse por ele; sem eira, nem beira, dormindo aqui e acolá. Levado para uma casa humilde, onde entrava o ar e a luz; onde a mesa lhe era posta três vezes ao dia; onde havia uma cama com lençóis lavados todas as semanas e cobertores que o abrigavam do frio; onde havia Amor, pois só por amor se trabalha ali; este homem sentia-se o mais feliz da terra. Porquê? Nada de extraordinário. Tinha apenas o que lhe era devido como homem e lhe tinha sido negado até então: Pão, Casa e Amor.

Ora, nas nossas andanças pelos Pobres sentimos isto mesmo. Na Rua da Reboleira, à Fonte Taurina, vive a mãe e o filho inutilizados por doença na coluna verte-

Visado pela Censura

bral. Entretêm-se a fazer flores artificiais que, depois, ela vai vender. O pão não lhes tem faltado, o Amor também não, mas não são felizes; não estão bem; a Casa é esburacada — «olhe que por aqui entram os ratos e chove cá dentro». Recordam-se da Ti Adorinda? — Faz-nos tão bem a visita que lhe fazemos! A alegria que vive nela comunica-se-nos e dá-nos força.

Comunguemos todos na vida dos Pobres dos nossos «Barredos» e ajudemo-los neste momento difícil.

P.e Manuel António

zitos que cá deixou. O seu maior amigo, que é o Renato, não se cansa de perguntar por ele. Quando vem? Se está muito longe ou perto. Como ele também o Laranjinha e o Zé Manuel, o que mostra que a Obra da Rua é na realidade uma grande família unida!

— Chegou a altura do «Funcionalismo» que fez exame, de escrever uma carta a escolher os officios. Carpinteiros, alfaiates, sapateiros, seralheiros... O Nêquita e o Niza são da Tipografia e estão sendo muito dedicados. A todos auguramos muitas felicidades e que se dediquem nesta primeira preparação para a vida. Não nos podemos esquecer que agora, mais do que nunca, a preparação profissional é muito importante, a qual não podemos de forma alguma descurar...

Daniel

TOJAL

CONFERENCIA— Ninguém está contente com o que possui — diz-se por aí à boca cheia.

Todos se julgam precisados de mais. Para estes damos a considerar os desabafos das últimas actas. Eles são um feito estridente, talvez duvidoso; contudo, um testemunho verosímil, porque são aquilo que os confrades vêm com os seus próprios olhos e lhes faz estremecer o coração perante as queixas cruciantes:

— Agradeceu a esmola como de costume.

PAÇO DE SOUSA

VISITANTES. Muitos e muitos. Um nunca acabar. Deles por todos os lados, sobretudo aos domingos de manhã, a nossa aldeia é assaltada em todos os sentidos por eles, dando sempre um ar de festa. Pena é que, ao seguirem embora, ainda não tivessem atinado com a Casa do Gaiato e o Calvário de Beire. E é tão simples. Até com os olhos fechados se lá vai dar. Vale a pena seguir aqueles 3 quilómetros ao norte da Vila de



Paredes, onde está depositada a maior riqueza da Obra da Rua. O Senhor Padre Baptista lamenta-se e com muita razão e os estimados amigos perdem uma estupenda oportunidade de encantar os olhos do corpo e da alma. É realmente uma oportunidade de se sublimar desmesuradamente em Altura! Caminho de Paço de Sousa, rumo a Beire e não darão o tempo por mal empregado.

A beira da beleza paisagística está-se a semear a beleza do amor ao próximo. A cumprir a maior obra de Misericórdia.

LEITE MAIA. Enviamos um grande e forte abraço a este nosso velho amigo que não se esquece desta Casa. É um jornalista da velha guarda que ama muito a Obra e dela se lembra com muita frequência. O nosso sincero muito obrigado. Sempre que queira appareça, bom amigo, pois estimamos sobremaneira a sua amizade e boa companhia...

— Já que estamos em maré de amizades, não podemos esquecer o Senhor Cândido Rocha, Senhor Alfredo e o intercâmbio da nossa Tipografia com a Tipografia Marca. São amizades fortes, seguras, que nos enchem de júbilo e sempre que com eles entramos em contacto por motivos de ordem profissional, nosso coração se enche de alegria. Para todos desejamos os maiores êxitos e gratas alegrias bem como a todos os empregados daquela acreditada casa.

— Como todos sabem o nosso Rogério está em África. Não deixando de ser filho da Obra o é também agora de uns senhores amigos a quem o Senhor Padre Carlos entregou e não temos dúvidas que será muito e muito feliz. Pois ele não esquece os seus amigos. Apesar de pequenino, o seu coraçãozinho é todo nosso, dos irmãos

E depois, o remate de uma breve ou longa conversa:

«Pedia uns sapatos; uma roupa; uns cobertores; a esmola não me chega senão para dois dias da semana; vejo-me obrigado a pedir nos restantes.

—Outro que não pode fazer uma dietazinha:

«Tenho os pulmões arruinados. Saí o ano passado do Sanatório. Já não tenho cura, garantiram-me os médicos de lá. Posso ter algumas melhoras só para um dia ou dois. Mas logo recaio no outro».

Como agravante, uma úlcera no estômago.

E agora que o frio areja os nossos corpos, ouçamo-los:

—Ai! meu senhor! não posso dormir em casa neste tempo em que a chuva é quase tanta como na rua!

A propósito. Vinha de algures acompanhado de alguns amigos quando deparamos com um outro a conversar com um dos Pobres.

Eu fiquei também a fazer parte da conversa. Da atitude do rapaz vi a tristeza do assunto.

—Entre. Veja isto tudo molhado — diz ele apressando-se-me a abrir a porta.

Naquela altura fazia certa claridade; tinha chovido havia pouco. Mas lá estava o pavimento húmido. Ela já havia enxugado a água.

—Chove como na rua! A água entra pelas telhas e pela porta.

Ela cancerosa dos pés e com eles molhados. Na véspera tinha sido lançatada.

Poderia lá ser a Conferência furtar-se às exigências deles?! Ela sofre com eles. É preciso que sofram todos.

Senhores, aos que pedem sapatos dêem-lhos; aos que carecem de agasalho por que não os agasalhar?

Zé do Porto

BELEM

É tempo, Senhoras e Senhores, de voltarmos as atenções para o Presépio Vivo que «Belém» foi, desde o seu nascer até hoje, ao completarem-se seus dois primeiros anos de vida.

Foi precisamente no primeiro domingo do Advento de 58 que «O Gaiato» levou a cada um dos seus leitores uma boa nova e um convite: a boa nova de que se preparava o nascimento de «Belém» e o convite à participação nos preparativos.

Deus quer a Obra. Por isso tem chamado a mantê-la, desde o seu início, muitas almas generosas que nela encontram um meio de levar algum carinho e sustento a tantas crianças necessitadas.

Muitas graças temos que dar a

Deus, por tantos benefícios recebidos até hoje. Tão pouco tempo e tanto que já está feito! Olhando, porém, aos muitos casos a remediar, quanta pressa não temos de levar a Obra a um maior desenvolvimento!

Que, durante o tempo santo do Advento que agora começa, os muitos amigos da Obra cerrem fileiras à volta do nosso Presépio Vivo!

A existência de Belém é um milagre da Fé, da Esperança e da Caridade. Que as almas a quem Deus enriqueceu com estas virtudes procurem agora mais devotadamente pô-las em exercício pela forma e até ao grau que o Divino Espírito Santo lhes inspiro. Ele sopra onde quer e como quer!

Advento — tempo de preparação das almas cristãs para o Natal de Jesus! Ele disse: «Tudo o que fizerdes a um destes pequeninos é a Mim que o fazeis»... Em consequência, com que alegria e consolação serão colocadas aos pés da criança abandonada as oferendas daqueles que acreditam na palavra do Mestre! Belém tem sido e há-de continuar sendo o mesmo Presépio Vivo!

A gruta que acolheu José e Maria e viu nascer o Menino Deus, não foi senão a solução transitória encontrada pelo Chefe de Família, em vista da barreira intransponível que foi a dureza de coração dos habitantes de Belém. O Pai do Céu, que escolhera para Seu Divino Filho o nascimento mais pobre entre os pobres, tudo isto permitiu. Mas, logo que se tornou praticamente possível, a Sagrada Família há-de ter-se mudado para casa da cidade e depois para o lar

pobre mas acolhedor digno de Nazaré.

Para José, o «varão justo», nunca as dificuldades de vida foram fonte de desânimos ou pretexto para o não cumprimento do dever, como Chefe de Família. José! — o santo maior entre os maiores. Dele já ouvi dizer a orgulhoso serrano: «S. José! O Homem a quem Deus carregou de graves deveres e tirou todos os direitos!» Eu não pude deixar de sorrir e respondi: «Sim, ele é o maior dos Santos, porque praticou em grau eminente todas as virtudes opostas aos maiores defeitos dos homens».

Da Virgem Mãe impossível se torna falar condignamente. Onde mãe ou esposa que se lhe possa comparar na fidelidade à própria vocação, e apesar das muitas provações e do peso da Cruz que foi necessário compartilhar com seu Divino Filho?

Na Sagrada Família cada membro cumpriu sempre o seu dever e com que perfeição e desvelo! Por isso para Ela foi solução transitória o Presépio. Por isso ao Menino nunca faltou a assistência e carinho dos Pais quando teve de sofrer o abandono, a frieza e perseguição dos homens.

Mas em «Belém» de Viseu encontraremos sempre o mesmo Presépio Vivo. Neste facto está contida a própria razão da sua existência.

Peçamos a Maria e a José que nos ajudem a manter e ampliar o nosso Presépio, a bem das irmãs queridas de Jesus que são as crianças vítimas da maldade ou da incúria dos homens.

Inês — Belém — Viseu

Engenheiro Duarte Pacheco

Mais um ano que passa. Quanto mais distante, mais a sua figura nos aparece em toda a sua grandeza. Confiou em Pai Américo; confiou na Obra da Rua então nascente. A sua memória foi lembrada no Altar da nossa Capela.

Padre Manuel António

